

Coluna do Zangão

Para suprir algum esquecimento, o nosso ELO cumpriu mais um aniversário no pretérito dia 23 de Novembro. Também para os “primos” da esquadrilha “Zingarelho” muitos parabéns pelo 53º aniversário.

Os homens têm grandes pretensões e projectos pequenos

Luc de Clapiers

Recentemente recebi por correio electrónico, uma mensagem, escrita em castelhano, que alertava para, na altura de comprar ovos, evitar os que têm carimbos alfanuméricos começados por “2” ou “3”, pois são provenientes de galinhas que são sujeitas às maiores crueldades. Cortam-lhes o bico, para que não se piquem umas às outras, ficam deformadas devido ao facto de “viverem” em gaiolas de arame de reduzidíssimas dimensões, ou em grandes naves, com uma densidade média de 12 galinhas por metro quadrado. Não só ficam mutiladas, semi-despedaçadas, como a taxa de mortalidade destes animais, principalmente em épocas mais quentes, é muito elevada, pois morrem de asfixia, além de doenças contraídas pela acumulação de gases e por falta de higiene do local. O Zangão meditou no assunto e pesquisou.

Pois bem, verificadas as embalagens que são vendidas nos locais próprios, pode constatar-se a indicação de galinhas criadas em gaiolas ou ao ar livre. Efectivamente os ovos carimbados com os números 2 e 3, correspondem ao denunciado na referida mensagem, enquanto aqueles que têm carimbos com os números 0 e 1 são provenientes de animais com alguma “liberdade” e conhecedoras do astro-rei. Mas não consegui o Zangão identificar a origem dos frangos que são vendidos nos diversos estabelecimentos, crus ou prontos a consumir. Vêm-se embalagens de animais inteiros ou de partes específicas, mas quanto à sua proveniência? Nada. Pesquisando as diversas páginas de diferentes organizações de defesa dos animais - se a pesquisa foi bem feita - a tourada ocupa o lugar de honra, seguin-

do-se a esterilização de cães e gatos abandonados, e o convite para o apadrinhamento de algumas aves (galináceos não incluídos).

Seguramente ninguém deixou de reparar nas lojas, e suas montras, de vendas de animais, principalmente nos centros comerciais. São espaços exíguos, com luz artificial, ar condicionado e uma atmosfera muito característica de vários cheiros, pouco recomendáveis para clientes e muito menos para os trabalhadores que permanecem longas horas nesses locais. As montras onde os animais que estão para venda são expostos, por norma, têm apenas uma pequena abertura na parte inferior, são avidamente procuradas pelos cachorros e gatos que anseiam uma vida melhor.

Já alguém registou algum protesto contra estas más condições de tortura animal?

Alguma petição?

Apenas as touradas é que são motivo de preocupação? Serão apenas os touros, os únicos animais vítimas de violência e maus-tratos?

Será porque os bifés são mais apetecíveis que levar o cão à rua, ou mudar as pedrinhas do gato?

Somos, ao contrário do que é hábito dizer-se, não uma sociedade de consumo, visada ao consumidor, mas uma sociedade de produção, virada ao produtor e seus interesses

Agostinho Silva

Estamos no mês de Natal.

Cada vez o período natalício chega mais cedo.

Já há tanto tempo que as ruas estão iluminadas que pode provocar confusão, pois podemos ficar na dúvida se essas decorações natalícias se mantiveram desde 2009.

São os apelos consumistas que desde os primeiros dias de Novembro nos vêm bombardeando.

Afinal o que é que se festeja no Natal?

Uma prenda para aquele? Para o outro têm que ser duas, pois o ano passado também me deu duas.

É o desejar “boas-festas”, quantas vezes de forma tão leviana.

É o pensar no cabrito, em que casa vou comer, ou quem devo convidar este ano.

É o “não pode faltar isto”, porque se não, não é natal. Se não comprar aquilo parece um natalzinho pouco condigno.

É o forçosamente termos que ir aqui ou acolá, só porque é natal, e porque é natal temos que comprar isto e mais isto e mais aquilo e mais

É o termos que ir à missa, de preferência a mais breve para nos despacharmos e ficarmos aliviadinhos... Afinal o Natal comemora o nascimento de Jesus. E acredite-se ou não na sua condição divina foi um homem impar que lutou pelos mais desfavorecidos, que denunciou desigualdades e injustiças, que foi amado e traído (e que infelizmente continua a ser mais traído que amado).

Continua a servir de “capa” para alguns (demasiados) para justificarem o injustificável; para confundir os simples; para disfarçar honrarias que o Próprio sempre repudiou.

Ele que sempre esteve com os simples e necessitados, vemos constantemente o Seu Nome utilizado junto de opressores, torcionários, exploradores, que até têm lugar de destaque nos locais onde dizem ser a Sua casa.

Por oportuno, igreja deriva do grego “ecclesia” que significa assembleia, congregação, reunião. Não tem qualquer relação com edifícios.

Meus amigos. Desejo a todos um Bom Natal e que possamos contrariar a prenda natalícia, “pedida” ao Alexandre Herculano:

O homem é mais propenso a contentar-se com as ideias dos outros, do que a reflectir e a raciocinar

Victor Sengo

Participa na “Coluna do Zangão”
Diz bem, diz mal, diz assim-assim
<http://colunadozangao.blogspot.com>

Operação Lenda

Mal a noite caiu, saímos do quartelamento para atacarmos uma base de guerrilheiros, sediada numa região conhecida por Gamol, no Sul da Guiné. Para além de dois pelotões da minha Companhia, participaram também nesta operação os militares de outra Companhia, que tinha acabado de chegar à Guiné.

O comandante da minha Companhia, uma vez mais, ficou no quartelamento e o comandante da outra Companhia e que comandou a operação, era absolutamente inexperiente.

Portanto, estava escrito nas estrelas que esta operação haveria de correr mal. Estava uma noite de breu. A escuridão era tão intensa que mesmo caminhando juntos não nos víamos uns aos outros. Escura, fatigante e lenta, a noite foi passando. Bolanhas ou mata cerrada.

Floresta selvagem ou lodo e água até ao peito.

Penosamente, os sentidos em alerta permanente, uma tensão que provocava náuseas, fomos avançando pelo interior da mata e pelo interior da noite. E quando a manhã do dia 6 de Outubro de 1965 surgiu, estávamos nas proximidades do objectivo.

O capitão dividiu as nossas tropas em três colunas e na frente de cada uma delas colocou uma secção do meu pelotão, comandado pelo alferes miliciano Varela de Castro.

Reiniciámos a marcha, mas fomos imediatamente sujeitos a intenso tiroteio dos guerrilheiros.

Por entre o constante matraquear das diversas armas distinguia-se o ritmo assustadoramente acelerado das “costureirinhas”, a par do som mais cadenciado das Kalashnikovs. Os tiros continuavam. Foices ceifando o capim e os

ramos de árvores que apanhavam pela frente.

Curiosamente, parecia que o capitão que comandava esta operação tinha aprendido pelos mesmos manuais, tinha lido a mesma cartilha do comandante da minha Companhia. É que, enquanto na frente de combate, o alferes miliciano Varela de Castro, mandava tomar posições de defesa e responder prontamente ao ataque dos guerrilheiros, atrás, o capitão mandava recuar.

No meio desta confusão e desta desordem, o tiroteio continuava. Naquela visão do inferno, como loucos, íamos disparando. Disparávamos sempre. Disparávamos sem cessar. As G-3, já com os canos quase em brasa, persistiam na sua canção da morte.

O capim tombava, ceifado pelos tiros das espingardas, das metralhadoras e pelos estilhaços das granadas das bazucas e dos morteiros, numa tempestade

de ferro incandescente e mortífero. Os ramos das árvores continuavam a cair atravessados pelo aço em brasa freneticamente despejado por aquelas armas em fúria. Só que não foram apenas ramos de árvores que caíram atravessadas por aquelas balas ou estilhaços em brasa. De acordo com o Relatório da Operação, “o IN teve seis mortos confirmados e vários estimados”.

Tiros. Cada vez mais tiros. Tiros nossos e tiros dos guerrilheiros. Tiros que se cruzavam e se confundiam num barulho ensurdecido e mortífero.

Naquela visão do inferno, António Ribeiro, deitado no chão, no meio do capim, enquanto apertava com força a coronha da G3 contra o ombro direito, pensou na mulher e no filho, recordou os pais, a aldeia que o viu nascer e crescer e onde ardentemente desejava regressar, mas, como louco, ia disparando, sem mesmo pensar que cada